

## URBANISMO

A CAPITAL BRASILEIRA FOI CONSTRUÍDA COMO SÍNTESE DO PENSAMENTO MODERNISTA. QUATRO ARQUITETOS DISCUTEM A VIABILIDADE DE SE PRESERVAR ESSE MODELO NUMA CIDADE EM CONSTANTE EVOLUÇÃO

# BRASÍLIA, SONHO E CONSTRUÇÃO

PERO INALZACIENE  
SALVATORE COLOMBO

O sonho e a realidade de Brasília foram temas de simpósio durante dois dias no Teatro Nacional. Arquitetos e cientistas sociais brasileiros e estrangeiros discutiram passado, presente e futuro da cidade esculpida e construída para ser a capital de um país que se lançava na trilha da industrialização moderna, momento de realizar utopias. O arquiteto Italo Calpollicchio prestigiou sua intervenção ao aspecto histórico. Integrante da equipe de projeto de Oscar Niemeyer, relatou como era viver num conjunto de obras onde tudo era coberto por fino pó seme-

ado. Thomas Decker, arquiteto britânico, avaliou as superquadras como modelo residencial para o futuro. Gabriel Dorfmann, professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, centrou sua intervenção sobre as potenciais ameaças ao modelo de cidade modernista proposto por Lúcio Costa. A professora Emília Stenetz, do Centro Universitário de Brasília, analisou os amplos espaços da cidade como áreas de convivência e de manifestação cívica.

Em geral, todos acham que a cidade atinge 65 anos com vigor e, em seus aspectos mais visíveis, em boas esta-

do de conservação. O simpósio fez parte da mostra *Arquitetura Brasília*, organizada pelos arquitetos plásticos e fotógrafos Lisa Kim e Michael Trevelly. Os dois trabalharam sobre 100 mil fotos em mais estado de conservação, registrando diversos momentos do início da obra: as grandes manifestações populares. Desse total, depois de uma avaliação inicial, 4 mil foram selecionadas para o computador e 600 receberam tratamento digital e podem ser vistas em exposição no Teatro Nacional. Para recuperar cada imagem, Wexley trabalhou 24 horas. As fotos que ilustram esta matéria fazem parte desse acervo.

Foto de cidade: Museu Brasília, Brasília, estado por Michel Pardo



"EXISTE UM DIVÓRCIO ENTRE A  
POPULAÇÃO E O USO DOS ESPAÇOS  
PÚBLICOS DAS SUPERQUADRAS"

Thomas Decker



## O FUTURO DE UM MODO DE VIVER

"Sempre aconselho meus amigos brasileiros a visitar em uma das superquadras construídas durante o início de Brasília. Elas são um modelo de bem-viver, com seus espaços amplos e bem servidas de aparelhos urbanos, como escolas, templos e áreas de lazer. São uma realidade brasileira, feita por Lúcio Costa, do trabalho de Le Corbusier, por sua vez influenciado pelos irmãos Vesni (Alexander e Leonid), pioneiros da arquitetura soviética.

Os irmãos Vesni criaram conjuntos habitacionais que influenciariam todo o desenvolvimento da arquitetura internacional no século 20. Precavam por não dar a devida atenção aos aparelhos urbanos, como áreas de lazer e de comércio. Le Corbusier, ao propor sua Cidade Radiante, dá mais atenção ao assunto, sem chegar à riqueza de detalhes vista por Lúcio Costa ao projetar Brasília, que podemos considerar como a cidade modernista por excelência.

Infelizmente, as quadras construídas depois não dão a mesma atenção ao tratamento paisagístico dos espaços livres e podem ser consideradas como projetos bem inferiores sob o ponto de vista urbanístico. Por outro lado, a ideia de utilização dos espaços comuns não se dá em Brasília de maneira plena. A população da superquadra usa pouco essas áreas de convivência. Uma saída seria empregá-las para a produção de eventos artísticos.

Uma explicação para isso está na própria homogeneidade dos moradores das superquadras. As áreas mais ricas de vitalidade em Houston, Texas, nos Estados Unidos, estão fora das regiões previstas pelos planos urbanísticos e misturam diversos grupos étnicos e classes sociais, brancos, hispânicos e negros. O mesmo ocorre em Londres. Alto nível de renda não significa, obrigatoriamente, qualidade de vida. A oportunidade de trocas de experiências, vivida pela diversidade, pode ser vital para isso. Em minha opinião, o modelo modernista, que funciona maravilhosamente bem em Brasília, precisará se dar lugar para outro ambiente. Ele não serve como paradigma para as cidades do futuro."